

EDITORIAL

Mudanças climáticas e saúde humana

O encontro das maiores cidades do mundo – o C40 Summit – realizado em São Paulo teve um fato novo de extrema importância. Pela primeira vez, o C40 inclui na sua pauta a discussão das questões de Saúde Humana relacionadas às mudanças climáticas. A discussão entre mudanças climáticas e saúde no contexto urbano parece óbvio, porém, paradoxalmente, era pouco abordado de forma explícita como o foi na reunião de São Paulo. O acúmulo de substâncias tóxicas no meio físico da Terra e o aquecimento global representam talvez o maior desafio à saúde e qualidade de vida da espécie humana. O aumento da mortalidade pela exposição constante aos poluentes, a antecipada escassez de água em áreas carentes (no nosso caso, a região Nordeste do Brasil), a escassez de alimentos decorrentes da desertificação do solo, o aumento das doenças infecciosas que possuem insetos como vetores (dengue e malária, por exemplo), a maior frequência de desastres naturais como inundações e ventos intensos, variações extremas de temperatura (para mais ou para menos) e seus efeitos adversos à saúde, a deterioração da qualidade das águas pela salinização dos aquíferos, a formação de correntes migratórias no Brasil e na América do Sul a partir das regiões mais afetadas, são alguns dos cenários previstos para os próximos anos, caso medidas efetivas de controle das emissões não sejam implementadas.

Um aspecto inovador do encontro foi a discussão dos co-benefícios locais em saúde das políticas voltadas para a mitigação da emissão dos gases de efeito estufa quando implementadas no cenário urbano. A maior parte das mudanças de hábito pessoal que conduzem a menor consumo energético são reconhecidamente capazes de produzir efeitos benéficos à saúde das pessoas. Caminhar mais até chegar ao transporte coletivo, andar de bicicleta, consumir menos carne, comer alimentos saudáveis, são atitudes que levam a reduções significativas e imediatas do risco para doenças cardiovasculares, diabetes, osteoporose, demência e câncer. Desta forma mudanças de atitudes voltadas à promoção da sustentabilidade urbana promovem a saúde e trazem benefícios reais e imediatos.

A incorporação dos co-benefícios em saúde das políticas voltadas à sustentabilidade dos centros urbanos indica que podem ser conseguidos ganhos consideráveis em qualidade de vida, bem como economia por menor gasto com despesas de saúde, quando medidas de reduções de gases de efeito estufa são adotadas. Mais importante, os resultados são imediatos e obtidos nas próprias localidades onde as estratégias de mitigação são colocadas em prática, evitando a discussão recorrente surgida a partir da questão “Porquê devemos reduzir as nossas emissões enquanto outros países emitem muito mais do que nós?”. A resposta a este tipo de questionamento passa a ser que nossa saúde melhora aqui, onde vivemos, em nosso espaço e na janela de tempo de nossas vidas. Reduzir emissões é preservar a qualidade do ambiente global e, ao mesmo tempo, melhorar a nossa saúde aqui e agora. Resta-nos iniciar esta marcha virtuosa e contribuirmos para a adoção de práticas sustentáveis que irão beneficiar a todos, inclusive a nós mesmos.

Boa Leitura!
Dr. Paulo Saldiva